

## Polivalência dos avaliativos -ALH-, -ÃO e -INH- no português do Brasil e de Portugal

*Polyvalence of the evaluative -ALH-, -ÃO and INH- in  
Brazilian and European Portuguese*

Graça Rio-Torto\*  
Universidade de Coimbra  
Coimbra, Portugal.

**Resumo:** O presente estudo procura descrever e explicar a coexistência dos valores diminutivo/atenuativo e aumentativo/intensificativo de três sufixos avaliativos do português: -alh-, -ão e -inh-. O sufixo -alh- é de todos o menos representado, em qualquer das longitudes onde a língua portuguesa é usada. Mas os dados do português europeu “popular” do século XX trazem novas luzes sobre as valências deste sufixo. Os sufixos -ão e -inho são muito convocados quer no português do Brasil, quer no português de Portugal, e bem assim nas variedades nativizadas do Português usadas no continente africano. Todavia, o valor diminutivo de -ão, presente no português europeu e no português do Brasil, é pouco conhecido, porque menos representado que o aumentativo/intensivo. Já o valor intensivo de -inho, sufixo diminutivo/atenuativo por excelência, tem uma natureza e condições de uso específicas, sobre as quais refletiremos. A coexistência de valores tão antagónicos num mesmo sufixo coloca desafios muito relevantes às teorias morfológicas, na medida em que derroga o princípio do pareamento forma-sentido-função. O quadro teórico que espalda esta reflexão é multidimensional, cruzando morfologia lexicalista com linguística funcionalista do uso e pragmática, e envolve nomes de referência dos estudos morfológicos e lexicais como Aronoff & Fudeman 2005, Basílio 1999, 2004, Bechara 2004, 2004, Booij 2010, Cunha & Cintra 1984, Nunes 1989, Rio-Torto 1993, 2016, 2022, C. M. Vasconcelos 1914.

**Palavras-chave:** Sufixos avaliativos. Morfologia derivacional. Formação de palavras do português. Sufixos diminutivos e aumentativos.

**Abstract:** The present study aims to describe and explain the coexistence of diminutive/attenuating and augmentative/ intensificative values of three evaluative suffixes of the Portuguese: -alh-, -ão and -inh-. The suffix -alh- is the least represented, in any of the longitudes where the Portuguese language is used. The data from “popular” European Portuguese of the 20th century highlight the values of this suffix. The suffixes -ão and -inh- are very used both in the Portuguese of Brazil and in the Portuguese of Portugal, as well as in the nativized varieties of the Portuguese of the African Continent. However, the diminutive value of -ão, present in the European and in the Brazilian Portuguese is little known, because it is less represented than the augmentative/intensive. The intensive value of -inho, diminutive/mitigative suffix par excellence, has a specific nature and conditions of use, which requires specific research. The coexistence of such antagonistic values in the same suffix presents relevant challenges for morphological theories, as it derogates the principle of form-meaning-function pairing. The theoretical framework that supports this reflection is multidimensional, crossing lexicalist morphology with functionalist linguistics of the use and pragmatics, and involving reference names of morphological and lexical studies such as Aronoff & Fudeman 2005, Basílio 1999, 2004, Bechara 2004, 2004, Booij 2005, 2010, Cunha & Cintra 1984, Nunes 1989, Rio-Torto 1993, 2016, 2022, C.M. Vasconcelos 1914.

**Keywords:** Reading comprehension. 4-E cognition. Digital Technologies.

\*. Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras & Celga-Iltec. Coimbra, Portugal. Professora Catedrática Aposentada de Linguística. [riortorto@fl.uc.pt](mailto:riortorto@fl.uc.pt)

## 1 INTRODUÇÃO

No âmbito da derivação sufixal do Português, os diminutivos e os aumentativos sempre ocuparam um espaço saliente, seja em termos estruturais, dada o elevado uso de afixos diminutivos e aumentativo, seja em termos simbólicos seja em termos pragmáticos, dada a utilização eminentemente atitudinal, intersubjetiva e internacional de tais sufixos.

Com a pesquisa de Rio-Torto (1993) sobre os afixos avaliativos (sufixos e prefixos) do português, os sufixos diminutivos e os aumentativos passam a ser considerados como duas subclasses dos avaliativos, e a avaliação inclui não apenas dimensões denotativas, mas também dimensões qualitativas, (inter)subjetivas e pragmáticas. Todavia, Rio-Torto (1993) não refletiu sobre a coexistência de valores de sentido oposto, como os de diminutivo-atenuativo e de aumentativo-intensivo, num mesmo operador, pelo que nos propomos aqui conhecer as circunstâncias em que tal ocorre, as razões estruturais que permitem essa coexistência e suas consequências para a teoria morfológica. Os sufixos em análise são *-alb-*, *-ão* e *-inb-*.

Em Bechara 2004: 361 e em Cunha & Cintra (1994, p. 90-92), para mencionar apenas duas gramáticas de referência do português, os sufixos *-alho* (muralha, politicalho) e *-ão* (caldeirão, paredão, papelão, solteirão) são incluídos no conjunto dos aumentativos e o sufixo *-inbo* (toquinho, vozinha) no dos diminutivos. Rocha Lima (1972), Sandmann (1989), Basílio (1999, 2004), Azeredo (2010) nem fazem menção ao sufixo *-alb-*, certamente devido à sua menor representatividade no uso hodierno. Na sua Gramática Normativa da Língua Portuguesa, Rocha Lima (1972) menciona o diminutivo *-inbo* e o aumentativo *-ão*, bem como *-albão*, *-eirão*, *-arrão*, *-arão* e *-zarrão*, que considera variantes de *-ão*. O sufixo *-alb-* inexistente. Ora, como veremos, a colação de dados relativamente recentes do uso de *-alb-* e de *-ão* no português europeu, revela uma realidade de uso bem mais enriquecida, pelo menos no português lusitano, que desencadeia questões teóricas de grande alcance para a teoria da linguagem e, em particular, para a teoria morfológica.

O enquadramento teórico em que se inscreve esta reflexão tem um fundo lexicalista, que valoriza a pluridimensionalidade das unidades lexicais (RIO-TORTO, 2016, 2022), e que é compatibilizado com um “Modelo Baseado no Uso” (Usage-based Model), como o da Morfologia Construcional (BOOIJ, 2010, 2018). Neste, como na Linguística Cognitiva, assume-se a não separação dicotômica entre léxico e gramática e entre gramática e pragmática. Assim, o significado tem natureza semântico-pragmática (ancorada em dimensões referenciais e conceptuais/cognitivas), sendo uma propriedade estreitamente relacionada com o uso de cada unidade, ou seja, é uma propriedade holística da construção-em-uso, envolvendo, portanto, o ato ilocutório, seus actantes, suas motivações, suas intenções, seu co(n)texto. As fronteiras entre semântica e pragmática são eminentemente osmóticas e, por conseguinte, o que cada construção “significa” subsume-se muitas vezes naquilo que os “os falantes significam com esta construção”. Ou seja, o significado da construção X-*inbo* abrange as dimensões linguísticas do mesmo, sejam de caráter lexical ou pragmático.

Nas três secções seguintes descrevem-se os valores dominantes de cada um dos sufixos selecionados (-*alb-*, -*ão* e -*inh-*), e bem assim as condições de uso de cada um, e nas derradeiras secções procede-se à discussão das questões que os materiais empíricos arrolados convocam e às conclusões.

## 2 SUFIXO – *ALH-*

Na língua portuguesa hodierna, o sufixo -*alb-* ocorre em duas circunstâncias estruturais diferentes: (i) nas sequências -*alvão* (*amigalvão*, *gordalvão*), -*alvão* (*brincalvão*, *espertalvão*, *facalvão*, *grandalvão*), -*alvão* (*facalvão*), -*alvão* (*amigalvão*, *grandalvão*), -*alvão* (*roubalvão*), -*alvão* (*intrigalvão*, *livralvão*, *padralvão*), que não serão aqui exploradas<sup>1</sup>; (ii) e, com menor representatividade a solo, em nomes como *gentalva*, *muralva*, *ramalvo*, *vergalvo*, e nos verbos *espirralhar*, *marralhar*, *pingalhar*. Neste caso, -*alb-* funciona como sufixo, como numerosos dados derivacionais do português do século XX atestam. Nos nomes e adjetivos -*alb-* tem valor ora aumentativo-intensivo e/ou depreciativo (cf. *escumalva*, *gentalva*, *mimalvo*), os mais comuns, ora diminutivo, menos representado e provavelmente em remissão, por contraste com o valor intensivo-depreciativo que se vem instalando como dominante. Os dados empíricos (1)-(5) atestam o valor diminutivo do sufixo.

- (1) **burrinho** “burrito, na linguagem do barlavento algarvio” (NUNES 1902, p. 50)
- (2) **burricalho** “burro até à idade de oito a dez meses, na região de Barrancos [Alentejo]” (VASCONCELOS, 1955, §186).
- (3) **dornalva** “dornacho, dorna pequena” (FERREIRA, 1975)
- (4) **poalha** “poeira leve em suspensão” (FERREIRA, 1987) ou “espalhada na atmosfera” (COSTA; MELO, 1984).
- (5) **poalho** “chuva miudinha” (COSTA; MELO, 1984).

Pese embora a menção de *dornalva* ou de *poalha* no *Novo dicionário da língua portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2ª edição, 1987) e também em dicionários de uso muito generalizado nos anos 80 em Portugal, como Costa; Melo (1984), é de crer que o valor diminutivo de -*alb-* esteja hoje em dia (quase) descontinuado, pelo menos nas gerações mais novas e mais urbanas.

Bem perto do século XX, Francisco de S. Luiz Saraiva ainda descreve o sufixo -*alb-* como uma «terminação diminutiva que caracteriza o objecto de miúdo, desprezível e de nenhum valor, talvez ridículo» (SARAIVA 1880, TOMO IX, 324). Recorde-se que este sufixo gozou de alguma produtividade nos séculos XIV e XV (NUNES, §63, p. 380, NOTA 2). Na onomástica está abonado *Vasco Porcalho*, na *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes (1949, p. 160). No século XVI regista-se o apelido ou a alcunha *barbalho*, em Luis *Barbalho* (MACHADO, 1977).

<sup>1</sup> Para uma reflexão sobre o controverso estatuto morfológico (infixal, interfixal, sufixal) de -*alh-* nestas sequências ver Rio-Torto 2021.

Vários dados diatópicos do Português Europeu “popular” do século XX, sobretudo dos seus três primeiros quartos, atestam que *-alb-* já foi um sufixo dotado de alguma representatividade transdialectal (RIO-TORTO 1993), nomeadamente em contextos não urbanos e de baixo grau de alfabetização. A universalidade de derivados como *escumalba*, *gentalba*, *mimalbo*, *ramalbo*, *vergalbo*, e talvez de *marralbar*, *pingalbar*, abonam no sentido de *-alb-* não ser um operador confinado diatopicamente. O facto de o sufixo se combinar com bases nominais que denotam diferentes tipos semântico-referenciais (ser humano, ser animal, objetos vários), com radicais adjetivais e verbais, explica a sua disponibilidade de outrora, que assentava nesse amplo espectro de atuação.

Os avaliativos sufixados em *-alb-* evidenciam de forma singular a coexistência de um semantismo diminutivo, aumentativo e depreciativo (PONTES 1959, SKORGE 1956, MAÇÃS 1967). Mais concretamente, os nomes em *-alb-* podem carrear sentidos diminutivo-depreciativos, aumentativo-depreciativos, ou apenas sentidos diminutivos ou tão só aumentativos. Se, na língua comum, *fornalba* é um “forno grande; parte do forno, da máquina ou do fogão onde se queima combustível” (NDLP), já em Alfândega de Fé (distrito de Bragança) denota um “pequeno forno sobre o qual está a caldeira do lagar de azeite” (SOUSA, 1955, p. 296). Imagens amplamente acessíveis na internet de lagares de azeite tradicionais portugueses (<https://museudamemoriarural.pt/wp-content/uploads/2019/05/Memórias-de-um-lagar-de-azeite.pdf>) confirmam que as *fornalbas* destes têm dimensões bem diminutas face às das modernas unidades industriais.

Assim, os nomes em que *-alb-* está presente fazem emergir vetores de funcionamento de sinal contrário. O valor aumentativo faz-se acompanhar de uma avaliação depreciativa, em consonância com o esquema conceptual de “EXCESSO É NEGATIVO”, mas o valor diminutivo não se compagina com apreciação, não glosando o tão disseminado padrão de “SMALL IS BEAUTIFULL”; ao invés, a deprecição cola-se também à diminuição, tornando-se identitária do sufixo.

A sucessividade sufixal dos exemplos (6)-(8) confirma que o avaliativo *-alb-* tem identidade funcional, uma vez que neles o sufixo introduz um semantismo diferenciado face ao da base (*burricalbo* vs. *burrico*, *parvalbo* vs. *parvo*, *porcalbo* vs. *porco*). Para os mais jovens, *parvalhão* e *porcalhão* são as construções mais comuns face a *parvalbo* e *porcalbo*.

- (6) Burro > burrico > burricalho
- (7) Parvo > parvalho > parvalhão
- (8) Porco > porcalho > porcalhão

A concorrência entre *-ão* e *-aç-*, os sufixos aumentativo-intensivos mais representados e disponíveis, conduziu a uma diminuição no uso de *-alb-*, que se acantonou nas sequências *-albaço* e *-albão*. No que tange ao próprio valor depreciativo (cf. *espertão* e *espertalhão*, *grandão* e *grandalhão*), *-alb-* compete com outros sufixos de sentido pejorativo, como *-ec-*, *-óide*, *-astr-*.

Ainda assim, é um conteúdo negativo o que, na língua comum, está mais associado aos derivados em *-alb-*, tem levado a encarar o sufixo como um instrumento de pejoração. As denominações de ser humano sufixadas em *-alb-* refletem uma avaliação

dominantemente desfavorável: *criançalbo* “(pop.) indivíduo acriançado”; *gentalbo* (FERREIRA, 1987), ambos ainda registados no *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]* da Porto Editora; *maridalbo* “marideco” (PONTES, 1959, p. 50); *moçalbo* “rapaz sem valor” (prov. alg.) rapaz novo; rapaz sem valor; rapazito (COSTA; MELO 1984); *politicalbo* “politicastro; politiqueiro; politiquete” (FERREIRA, 1987); *viscondalbo* “viscondezeco” (FERREIRA, 1987).

Em simultâneo, em variantes geo-sociolinguísticas específicas, o uso de *-alb-* não se faz acompanhar sistematicamente de valorações negativas. Nos derivados recolhidos em contexto não urbano, junto de falantes de estratos sociolinguísticos não alfabetizados, e numa região de Portugal tão ampla como a meridional, a utilização de *-alb-* não imprime ao derivado um semantismo negativo, como o atestam os estudos sobre a linguagem “popular” do Alentejo e do Algarve, e que registam ambivalência na atribuição de um valor diminutivo ou depreciativo a derivados em *-alb-* (cf. Leite de VASCONCELOS, 1981, §186; PAIVA BOLÉO; SILVA, 1974, p. 337). O valor estritamente diminutivo de *-alb-* encontra-se patente em derivados de nomes de animais (*burrualbo* “burrito”; *burricalbo* “burro novo e pequeno”; *canicalbo* “cãozinho”; *porcalbo* “porco pequeno”).

### 3 SUFIXO *-ÃO*

O sufixo *-ão* é descrito nos estudos de referência como um aumentativo. Com efeito, o valor aumentativo-intensivo é o valor mais saliente e disponível deste sufixo. Um *calorão*, um *cachorrão*, um *malão* denotam “x [denotado pela base] com propriedades intensificadas, majoradas”, ou seja, um “calor intenso”, um “cachorro (de) grande(s) dimensões”, uma “mala (de) grande(s) dimensões”. Este mesmo valor intensivo está presente nos deverbais *aldrabão* “que aldraba muito, que tem o hábito de aldrabar”, *empurrão* “ação/ato de empurrar com intensidade, com violência”.

Todavia, a par com este valor aumentativo, o sufixo *-ão* tem um valor diminutivo, menos representado, mas atestado e usado em algumas unidades lexicais comuns ao Português do Brasil e de Portugal.

Com efeito, em paralelo com o valor aumentativo dominante em várias línguas românicas, como a castelhana, a italiana, a romena e a portuguesa, o valor diminutivo dos descendentes de *-ONE* perdura no francês, no provençal, no siciliano, no calabrês, no catalão, no aragonês e no galego (DIEZ, 1874, p. 315-317; HASSELROT, 1957, p. 225). Diez admite que tenha sido o francês a língua que mais diretamente contribuiu para a presença de *-ão* diminutivo em português, como em *cordão*, certamente do francês *cordon*.

O funcionamento diminutivo de *-ão* não se encontra disponível no português contemporâneo, mas está atestado em palavras recolhidas na linguagem popular de algumas variedades linguísticas mais conservadoras. Os nomes *cordão*, *estradao* “estrada ou caminho rústico e irregular, geralmente sem bermas definidas (*estradao em terra batida*)” e *pontão* “pequena ponte sobre um ribeiro; pequeno viaduto em estradas” serão os mais usados com valor diminutivo na língua comum. No *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*

[em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/> [consultado em 24-11-2022], de onde foram extraídas estas descrições, o primeiro valor semântico de *estradao* é o de “estrada grande ou larga”, confirmando a duplicidade associada a -ão.

Em Portugal há hidrónimos (*Mondegão*) e topónimos (*Albardão, Cabeção, Caldeirão, Castelão, Monchicão, Paranhão, Picão*) com valor diminutivo (COSTA, 1929-1949). No Brasil, mais propriamente na mesorregião centro-norte de Mato Grosso do Sul, e de acordo com TAVARES 2019, p. 132, nos topónimos *Baixadão, Brejão, Buracão, Canastrão, Corixão, Grotão, Lagoão, Lajeado, Manecão, Pindaibão, Poção, Taperão* o sufixo -ão neles presente é o aumentativo.

A função matricial de -ONE começou por ser a de explicitar, de forma neutra, a individualização ou a singularização de uma propriedade saliente daquilo que a base denota. Os valores mais genéricos de INDIVIDUALIZAÇÃO ou de DIFERENCIAÇÃO, traduzidos por “Que N/A de modo individualizado, diferenciado, saliente” foram depois dando lugar ao valor aumentativo-intensivo e, no caso dos nomes denominais, também ao diminutivo.

O sufixo -ão com valor diminutivo agrega-se fundamentalmente a bases marcadas pelo traço [-ANIMADO] (*albardão; batelão; cangão; carreirão; casão; chavelhão; cubatão; escadão; feirão; foução/foição; leirão; malotão; masseirão; milhão; mosquetão; pedrões; pontelhão; regueirão; ribeirão; telhão; terrão; urtigão*) e pelo traço [+ANIMAL] (*agudião; pintão; pulgão*). Não há registo de derivados construídos com base em radicais de nomes de ser humano, de nomes de “qualidade/propriedade”. Em português e nas demais línguas românicas o valor diminutivo do sufixo não está disponível para a derivação de nomes deverbais nem deadjetivais. O seu espectro combinatório é, pois, manifestamente diminuto face ao de -ão com valor aumentativo/intensivo que, sendo compaginável com bases nominais, adjetivais e verbais, tem muito mais condições estruturais para continuar disponível e produtivo, o que não acontece com -ão de valor diminutivo.

#### 4 SUFIXO -INH-

O sufixo -inh- é o diminutivo mais usado, disponível e produtivo nas diferentes geografias de língua portuguesa. É o sufixo diminutivo por excelência, desde logo no Brasil, onde não tem concorrência, e em Portugal, apesar de partilhar algum do seu espaço com -it(o/a).

Sendo um diminutivo, o sufixo -inho permite ao falante expressar a pequenez, a escassez, a escala diminuta (face a um marco de referência) de uma dada propriedade. O objeto, a entidade, o evento linguisticamente codificados com -inho apresenta dimensões mais reduzidas ou mais atenuadas face ao termo de referência que o falante elege como tal. O sufixo -inho permite, assim, exprimir atenuação, mitigação, pequena distância afetiva (ou seja, proximidade afetiva, empatia) entre interlocutores, sendo de todos os avaliativos o mais usado em Portugal e no Brasil, em todas as faixas etárias, em todas as circunstâncias elocutivas, para a expressão do afeto e da interação com proximidade afetiva (SKORGE,

1959, RIO-TORTO, 1993), ainda que seja mais abundante em situações dialógicas do que em contextos de maior formalidade (BACHESCHI, 2006).

Em função de diversas variáveis, a palavra em que o sufixo ocorre pode assumir valor (i) não apenas diminutivo (*escolinha, janelinha*) ou atenuativo (*doentinho, gordinho, tolinho*), (ii) mas também intensificador (*cedinho, nadinha, pertinho, tudinho*). A estes valores sistêmicos juntam-se os de natureza discursivo-pragmática. Assim, o sufixo pode igualmente, em determinadas condições prosódicas, veicular semantismos não só apreciativos, os mais comuns, mas igualmente depreciativos ou pejorativos. Os derivados em *X-inho* podem servir para estabelecer ou acentuar proximidade afetiva (*mãezinha*) e intersubjetiva (*licencinha*), cortesia/delicadeza (*adensinho, até loguinho, obrigadinho*), podem codificar eufemismo (*palerminha, ruinzinho*), mitigação de situações penosas ou disfóricas (*dorzinha*) e, em virtude de estratégias discursivas, como a que envolve ironia, pode ter efeitos que contradizem o efetivamente dito. A construção *X-inho* pode, assim, servir para expressar afeto, carinho e/ou empatia (*coleguinhas, mãezinha, paizinho*), como também desamor, antipatia (sujecinho) ou animosidade (*espertalhãozinho, jaguncinho*).

## 5 DISCUSSÃO

Começamos por fazer uma síntese dos diferentes valores semânticos que os sufixos estudados apresentam, e sua distribuição pelos dois eixos de avaliação considerados, a saber, um de avaliação não qualitativa e um outro de avaliação qualitativa, visualizados no quadro seguinte.

Nos pólos extremos da avaliação não qualitativa situam-se a diminuição/atenuação e a aumento/intensificação. Os três sufixos estão presentes nos dois casos, mas o valor diminutivo-atenuativo é servido em primeiro e destacado lugar por *-inh-*, depois por *-ão* e por *-alb-*; no caso do valor aumentativo-intensivo, impera *-ão*, sendo seguido de *-inh-* e de *-alb-*. No que diz respeito à avaliação qualitativa, que se traduz essencialmente por apreciação e por depreciação, acompanhadas ou não de diminuição/atenuação e de aumento/intensificação, verifica-se uma situação assimétrica, em que a apreciação, o mais das vezes associada à diminuição/atenuação/mitigação, é codificada por *-inh-*, e as demais modalidades de depreciação, seja a solo, ou seja acompanhada de diminuição ou de majoração, são codificadas por *-alb-*. Saliento que a pejoração ou depreciação de que aqui se fala não é de natureza suprasegmental, mas sistêmica do afixo. No caso de pejoração ou depreciação suprasegmental, esta é voluntária e externa ao DNA do item linguístico, uma vez que depende da subjetividade e da intencionalidade do falante. Uma prosódia ou uma entoação desfavorável pode ser aplicada a qualquer afixo ou a qualquer lexema, e automaticamente atribuí ao objeto por ela afetada uma avaliação que pode ser profundamente disfórica. Por mais que o denotado seja, à partida, convencionalmente objeto de apreciação e de valoração positiva, uma construção do tipo *meu amorzinho* ou *meu queridinho* verbalizada com desdém, revirar de

olhos<sup>2</sup>, rosto e/ou entoação de desprezo, não oferece dúvidas sobre o sentido da mensagem.

Assim, no caso de *-inh-*, o operador apreciativo por excelência, um efeito de depreciação terá de ser necessariamente acompanhado de pejoração prosódica/entoacional; no caso de *-alh-*, como a depreciação faz parte do seu valor sistêmico, não carece de apoio suprasegmental para a exprimir. O sufixo *-alh-* é, de todos os estudados, o mais coeso: a dispersão do seu valor depreciativo, que pode ocorrer a solo ou adjunto a diminuição ou a aumentação, sustenta a sua coesão funcional. Trata-se de uma espécie de identidade na alteridade relativa que os valores diminutivo-depreciativo, depreciativo e aumentativo-depreciativo travejam.

Quadro 1: Valores semânticos dos sufixos *-inh-*, *-ão* e *-alh-*

<<< Escala de avaliação não qualitativa >>>			
<b>Diminutivo</b>			<b>Aumentativo</b>
<b>Atenuativo</b>			<b>Intensivo</b>
-inh-			-ão
-ão			-inh-
-alh-			-alh-
<<< Escala de avaliação predominantemente qualitativa >>>			
<b>Diminutivo</b>	<b>Diminutivo</b>		<b>Aumentativo</b>
<b>Apreciativo</b>	<b>Depreciativo</b>	<b>Depreciativo</b>	<b>Depreciativo</b>
-inh-	-alh-	-alh-	-alh-

Fonte: Elaboração própria.

A pluralidade semântica de cada sufixo viola o princípio do pareamento “forma-significado”, mas não necessariamente o de “forma-significado-função” (BOOIJ, 2010).

A acumulação de valores aumentativo-intensivo, diminutivo-atenuativo e depreciativo, ainda que em circunstâncias co(n)textuais diversas, ou a dificuldade de atribuição de um só significado a cada sufixo, documentada pela presença de mais do que um semantismo associado à mesma forma, derroga a relação de pareamento entre forma e significado (ARONOFF; FUDEMAN, 2005: 38- 40), fundacional da morfologia construcional e da Linguística Cognitiva, em favor de uma relação polivalente. A possibilidade de uma unidade apresentar valores de pólos opostos inscreve-se na rede



<sup>2</sup> C.f. emojis de desprezo:

semasiológica de muitas palavras polissêmicas (BLANK, 2003), que permite tal polivalência.

Os três sufixos em pauta codificam valores de polaridade antagônica e extrema da escala de avaliação não qualitativa, a saber diminutivo-atenuativo e aumentativo-intensivo. A assinatura de cada sufixo aponta no sentido de *-inh-* ser prototipicamente diminutivo-atenuativo, *-ão* aumentativo-intensivo e *-alh-* equipolente em relação a ambos os valores.

No espectro da escala de avaliação qualitativa a situação é diversa da anterior, contribuindo fortemente para a identidade de cada um dos sufixos nela atuantes, seja *-inh-*, *-alh-* ou *-ão*.

O sufixo diminutivo *-inh-* é o único a codificar prototipicamente apreciação. Já o sufixo *-alh-* acumula três possibilidades: duas de sinal parcialmente contrário — diminutivo-depreciativo e aumentativo-depreciativo —, e ainda a depreciativa. Esta dispersão que afeta *-alh-* é garante da sua coesão, tratando-se, portanto, de uma dispersão fortemente coesiva. A ausência de *-ão* neste espectro da escala tem correspondência com a sua neutralidade em termos qualitativos. Esta não invalida, contudo, ocorrências em que o sufixo tem valor apreciativo (*mulberão* e *homão*, no Brasil), do mesmo modo que *-inh-* também pode ser usado como depreciativo (cf. *gentinha*).

Por outro lado, se atendermos a que a função primordial destes sufixos é de natureza avaliativo- atitudinal, então pode considerar-se que o princípio do pareamento signo-função é respeitado, advogando que cada um dos sufixos é subespecificado quanto ao subvalor atitudinal nele mais prototípico (cf. quadro seguinte).

Quadro 2. Valores prototípicos subespecificados dos avaliativos *-inh-*, *-ão*, *-alh-*.

[X]sufixo avaliativo-atitudinal	[inh]diminutivo-atenuativo-apreciativo [ão] aumentativo-intensificativo [alh] depreciativo
---------------------------------	--

Fonte: Elaboração própria.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muito que a geolinguística e a sociolinguística contribuíram para demonstrar empiricamente que as línguas não são corpos homogêneos, caracterizando-se antes também pela sua inerente diversidade e heterogeneidade. A reflexão sobre a natureza e a arquitetura das línguas, sobre a dinâmica entre diversidade e sistematicidade tem assumido renovados contornos, nomeadamente com as aportações da linguística cognitiva e da linguística computacional.

No “Resumo” do seu livro de 2010, Booij assume que «*Word formation patterns can be seen as abstract schemas that generalize over sets of existing complex words with a systematic correlation between form and meaning*». O exemplo do autor envolve a construção deverbal [[x]V er]N, cujo sufixo equivale ao português *-dor* “aquele que V” (no original “one who Vs”). Em português, os deverbais em *-dor* podem denotar agentes humanos (*mergulhador, nadador*), instrumentos (*aspirador, detonador, secador*), recipientes (*defumador*), locativos (*toucador*), não se revendo, portanto, e de forma sistemática, no sentido “aquele que V”. A tensão entre sistematicidade e assistematicidade é uma constante que percorre todas as componentes de uma língua.

Assim, as sistemáticas correspondências forma-significado são tão operantes no seio dos sistemas linguísticos quanto as não correspondências forma-significado que também os habitam. A sistematicidade é uma manifestação da não arbitrariedade de que uma língua é feita; nesta dinâmica tensional há lugar para manifestações de valor funcional que respeitam a não arbitrariedade, bem como para a assistematicidade que pode alimentar a sistematicidade. No caso de *-inh-*, o seu valor atitudinal de proximidade afetiva e de encarecimento pode ser perspectivado como manifestação de um valor diminutivo: o de encurtamento de distância afetiva, de mitigação/atenuação, de apreciação empática. No caso de *-alb-* é o valor depreciativo o que impera sobre os demais, podendo ocorrer a solo ou conjuntamente com diminuição ou com aumento. A aparente arbitrariedade e a multipolaridade semânticas de cada um dos sufixos estudados atenuam-se se considerarmos que a natureza destes é essencialmente avaliativo-atitudinal, sendo cada um subespecificado quanto ao valor atitudinal nele mais prototípico: [*inh*]diminutivo-atenuativo-apreciativo, [*ão*] aumentativo-intensificativo e [*alb*] depreciativo.

Assim, o balanceamento entre o respeito ou o não respeito pelo nexo de correlação sistemática entre forma-sentido tem de ter em conta o nível dos padrões construcionais envolvidos e o de todas as significações mais e menos prototípicas associadas a cada operador.

## REFERÊNCIAS

- ARONOFF, M.; FUEDEMAN, K. *What Is Morphology?* : Blackwell, 2005.
- AZEREDO, J. C.de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2010.
- BASÍLIO, M. *Formação e classes de palavras no PB*. SP: Contexto, 2004.
- BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BLANK, A. Polysemy in the lexicon and in discourse. In: NERLICH, B. et al (ed.). *Polysemy: Flexible patterns of meaning in mind and language*: Berlin, New York: De Gruyter Mouton, 2003, p. 253-266.

- BOLÉO, M. de P.; M. H. S. SILVA. O mapa dos dialectos e falares de Portugal continental. In: BOLÉO, M. de P. *Estudos de Linguística portuguesa e românica, vol. I: Dialectologia e história da língua*, Tomo I. Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis, 1974, p. 309-352.
- BOOIJ, G. *Construction Morphology* Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BOOIJ, G. *The Construction of Words. Advances in Construction Morphology*. Berlin. Springer. 2018.
- COSTA, A. *Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular*. Porto: Tipografia Domingos de Oliveira, 1929-1949.
- CUNHA, C.; L. F. L. CINTRA, *Nova gramática do português contemporâneo*. 10 ed. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1984.
- COSTA, J. A; A. S. e MELO. *Dicionário da língua portuguesa*. 6ª edição, corrigida e aumentada. Porto: Porto Editora, 1984.
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa* 2ª edição, revista e acrescida de um suplemento. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986. [DELNF] *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa* [em linha]. Porto:Porto Editora. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/gentalha>. [consult. 2022-11-23]
- FERREIRA, A. B. de H.. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 1ª edição, 15ª impressão. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975; 2ª edição. 1987.
- FONSECA, D. M. de. *Subsídios para o estudo da linguagem popular da Vermiosa*. Dissertação de Licenciatura (inédita). Lisboa. 1945.
- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002. <https://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl>, CETEMPúblico e NILC/São Carlos [acesso em 27-10-2021].
- LOPES, F. *Crónica de D. João I*. Edição preparada por M. Lopes de ALMEIDA e A. de Magalhães Basto. Porto, Livraria Civilização, vol. II, 1949.

MAÇÃS, D. *Ironia e depreciação na língua portuguesa*. A propósito da obra “Contribuição para uma estilística da ironia”. Coimbra: Separata da Revista Portuguesa de Filologia, vol. XIV. 1967.

MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 3ª edição, 5 vols. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

MEYER-LÜBKE, W. *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*. 4ª edição. Heidelberg: Carl Winter Universitätsverlag. 1968.

[REW]

NUNES, J. J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa - Fonética e Morfologia*. 9ª edição, Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1989.

PONTES, E. M. de S. *Sufixos aumentativos: contribuição para o estudo das possibilidades sufixais aumentativas na língua portuguesa*. Tese de licenciatura em Filologia Românica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1959.

RIO-TORTO, G. *Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos*. Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa apresentada à Universidade de Coimbra. Coimbra, 977 p. + I-VI (não publicada). 1993.

RIO-TORTO, G. *Gramática derivacional do português*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra. 2016.

RIO-TORTO, G. *Estatuto morfológico das sequências -alhão e -arrão*. Filologia e Linguística Portuguesas (USP). São Paulo, v. 23 (2), 2021. p. 167-184.

RIO-TORTO, G. *Peculiarities of Portuguese Word-Formation*. In LOPORCARO, M. (ed.), Oxford Encyclopedia of Romance Linguistics. Oxford: Oxford University Press. 2022.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972.

SANDMANN, A. J. *Formação de Palavras No Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba: Ícone. 1989.

SARAIVA, F. de S. L. *Obras completas do Cardeal Saraiva*. ed. lit. António Correia Caldeira. Lisboa: Imprensa Nacional, 10 Tomos. 1872-1883. [Tomo IX: 1880]

SKORGE, Sílvia. *Os sufixos diminutivos em português*. Separata do Boletim de Filologia, tomos XVI e XVII. Lisboa, 1956.

TAVARES, M. A toponímia da região centro-norte de Mato Grosso do Sul. In: ISQUERDO, A. (org.). *Toponímia ATEMS: caminhos metodológicos*, v.1. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2019. p. 111-147.

VASCONCELOS, C. M. de. *Lições de filologia portuguesa* (segundo as preleções feitas aos cursos de 1911-1912 e 1912-1913). Lisboa: Dinalivro, 1914.

VASCONCELOS, J. L. de. *Filologia barranquenha: apontamentos para o seu estudo* (facsimile da ed. de 1955). Lisboa: IN- CM, 1981. <https://museudamemoriarural.pt/wp-content/uploads/2019/05/Memórias-de-um-lagar-de-azeite.pdf>. Acesso em 4 dez. 2022 .

**Recebido em: 15/12/2022**

**Aprovado em: 05/02/2024**

**Publicado em: 08/01/2026**